

CAIO ANDERSEN BARRETO RODRIGUES

A GUERRA E A REVOLUÇÃO:

Literatura e História em “A quadragésima porta”, de José Geraldo Vieira.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Prática de Pesquisa, do Curso de História da Universidade Federal de Sergipe, para a obtenção de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Augusto da Silva

São Cristóvão - SE

2022

A GUERRA E A REVOLUÇÃO: LITERATURA E HISTÓRIA EM “A QUADRAGÉSIMA PORTA”, DE JOSÉ GERALDO VIEIRA.

Caio Andersen Barreto Rodrigues¹

Resumo:

Grande parte do conhecimento de um povo está guardado no interior da sua História e da sua Literatura. Quando estudadas de forma separada, uma cria consciência dos fatos, e outra cria consciência das reações humanas perante os fatos. Mas quando estudadas juntas, ambas criam uma consciência ampla da vida ontem, hoje e, possivelmente, amanhã. Visando tratar dessa relação, com foco especial na Primeira Guerra e na Revolução Russa, este trabalho esquadrinhará algumas páginas do romance "*A quadragésima porta*", de José Geraldo Vieira. A intenção principal é fazer-se compreender a importância quanto ao entrelace dessas duas áreas, mostrando, consequentemente, como a Literatura pode dar suporte à História; não só no que toca a compreensão dos fatos, mas também no que toca a própria escrita historiográfica. Sendo assim, esta pesquisa tem um intuito multifacetado, pois ao mesmo passo em que se apresenta como uma pesquisa histórica, apresenta-se, também, como um breve ensaio sobre a situação atual da escrita dos trabalhos de História.

Palavras-chave: História. Literatura. José Geraldo Vieira. A quadragésima porta.

1 INTRODUÇÃO

Sempre há, em meio à história, uma parte do conhecimento que se perde. Por qual razão? Porque os documentos desaparecem ou são “soterrados” no tempo. E esse soterramento é ocasionado por dois tipos de ação: a ação natural e a ação humana. Quando ocorrem grandes cataclismas naturais, como terremotos, inundações ou erupções vulcânicas, fontes reveladoras, em muitos casos as únicas capazes de elucidar certas questões, somem. Mas essas circunstâncias são perdoáveis. Imperdoáveis são as circunstâncias que envolvem a ação humana. Nessa categoria podemos colocar as guerras, as perseguições ideológicas, e o simples e rude desprezo em nome dos “queridos”. O trabalho a seguir fala sobre um autor soterrado pela segunda categoria de ação, a humana. Por quê? Ver-se-á, no desenrolar dos tópicos.

José Geraldo Vieira foi um escritor ativo, desde a década de 1920 até o final da década de 1970. O seu estilo tinha como principal marca o cenário europeu. Essa característica o fez transcender a literatura regionalista, da época, que falava, na maioria das vezes, sobre a vida sertaneja; aquela vida diminuta e sofrida. Ainda que respeitasse os grandes escritores regionalistas, José Geraldo não pôde — e nem quis — renegar as influências recebidas do cenário cultural de lá, do outro lado do globo, onde fervilhavam Paris, Berlim e outros centros

¹Formando do curso de História, pela Universidade Federal de Sergipe. Para entrar em contato, deve-se utilizar os seguintes canais: caionsds@gmail.com (e-mail). (79) 98829-5250 (celular).

culturais. É no ápice dessa influência que será escrito *A quadragésima porta*, a obra considerada como a *magnum opus* de José Geraldo. Com esse livro, o autor brasileiro atou, a nós górdios, História e Literatura, criando algo que podemos considerar como uma grande fonte histórica dos ânimos convulsionados da primeira metade do século XX. Há nela uma descrição detalhada dos dramas vividos pelas almas humanas, em meio aos acontecimentos quase escatológicos daquele período. Sendo assim, é desmerecido manter envolta em obscuridade, e sob a poeira do ostracismo, uma obra tão grandiosa e cara à historiografia.

Para melhor desenvolvermos este trabalho, iremos separá-lo em quatro tópicos (e em alguns subtópicos). No primeiro, trataremos sobre a biografia de José Geraldo Vieira. No segundo, meditaremos sobre a relação entre a História e a Literatura. No terceiro, veremos porque *A quadragésima porta* é tão significativa. E no quarto tópico, fecharemos o trabalho com mais uma breve reflexão — desta vez sobre a escrita historiográfica.

Embora rico e abrangente, aqui não será tratado todo o romance. Reduziremos o nosso escopo, nutrindo-nos apenas de certa parte da obra. Portanto, esta pesquisa tratará da importância de José Geraldo Vieira e a sua obra *A quadragésima porta* para a compreensão de dois grandes episódios da história do século XX: a Primeira Guerra e a Revolução Russa.

2 BREVE BIOGRAFIA DE JOSÉ GERALDO VIEIRA

Não é uma tarefa simples encontrar dados biográficos sobre um personagem histórico tão entregue às traças como este. Uma biografia oficial sua não existe. E mesmo com pesquisas assíduas, tudo o que está ao alcance são singelos trechos biográficos. Por isso, não é incomum falar sobre ele sem deixar certas lacunas, que para outros autores consagrados seriam facilmente preenchíveis por suas biografias vastíssimas e interpretativamente diversificadas.

O nome: José Geraldo Manuel Germano Correia Vieira Machado Drummond da Costa. O local e data em que nasceu: Açores (ou Rio de Janeiro), 1897². O local e data em que faleceu: São Paulo, 1977³.

²Quanto ao nascimento de José Geraldo, há uma incongruência, pois não se sabe, com exatidão, se ele nasceu no Rio de Janeiro, após a sua família ter se mudado dos Açores (em 1896), ou se ele nasceu nos Açores. Márcia Garcia Aparecida, mestre em letras que publicou uma dissertação sobre José Geraldo, em 2003 (dissertação esta que estará disponível nas referências e em futuras citações), afirma que ele nasceu no Rio de Janeiro, quarenta minutos após o nascimento do seu irmão gêmeo. Já outras fontes, como a *Enciclopédia Itaú Cultural*, afirmam que o escritor nasceu ainda em solo português. Todavia, o trabalho de Garcia aparenta possuir provas mais contundentes quanto a sua brasilidade desde o berço. Pondo de lado essa incongruência, o que de fato tem relevância é a inquestionável vida que, desde a infância, José Geraldo Vieira construiu no Brasil.

³JOSÉ Geraldo Vieira. Vide Editorial, Campinas. Disponível em: <https://videeditorial.com.br/index.php?route=product/author&author_id=163>. Acesso em: 07 de fev. de 2022.

Informações sobre a sua vida familiar são muito inconsistentes. O pouco que se sabe é o que infere-se do seu livro *Território Humano*, de 1936, cujo qual é praticamente uma autobiografia. Porém, com algum esforço, pode-se encontrar pedaços que elucidam partes da história da sua infância, como, por exemplo, a sua orfandade. Este fator, aliás, levou-lhe a ser criado por tios ⁴.

Já jovem, tornou-se médico em 1920, aos 23 três anos, quando editou o seu primeiro livro, *O Triste Epigrama*; um poema em prosa. Logo após isso, viajou para a Europa — mais precisamente com destino a Paris e a Berlim —, onde faria a sua especialização em radiologia⁵. Anos mais tarde, em 1923, já médico radiologista, ele retorna para o Brasil e no mesmo ano publica a coletânea de contos *A ronda do deslumbramento*.

O seu primeiro romance foi publicado apenas em 1931, e chamava-se *A mulher que fugiu de Sodoma*. Este, que era considerado a sua verdadeira obra de estréia pelo próprio José Geraldo, foi publicado após sete anos guardado na gaveta; e só chegou às vias de fato pois, como reza a lenda, um amigo do escritor raptou os originais e entregou a Augusto Frederico Schmidt — um dos maiores nomes do mercado editorial brasileiro da época, e responsável pela estréia de autores como Gilberto Freyre, Jorge Amado e Graciliano Ramos⁶. Daí em diante, a obra de José Geraldo se alastrou com imensidão e profundidade. Em 1936, como já citado, veio à tona *Território Humano*; em 1943, *A quadragésima porta* (a fonte deste estudo); em 1946, *Carta à minha filha em prantos*; em 1947, *A túnica e os Dados*; em 1950, *A Ladeira da Memória*; em 1952, *O Albatroz*; em 1961, *Terreno Baldio*; em 1966, *Paralelo 16: Brasília*; em 1974, *Mansarda Acesa*; e em 1975, *A mais que branca*⁷. Isto fora as suas obras quilométricas de críticas literárias e artísticas.

Em todas as suas obras, José Geraldo carregava o seu estilo que, ao longo do tempo, tornou-se inconfundível. Este estilo era marcado por muito cosmopolitismo, vastas citações eruditas e barroquismos que, em muitos momentos, obrigam-nos a recorrer ao dicionário — sobretudo se o referencial literário do leitor for muito restrito. Além disso, pode-se destacar a sua preferência nítida por situar os seus personagens na Europa e entre os grandes dramas do mundo, ao longo das eras; tudo isso enlaçado pelo cabo-de-aço dos dilemas morais⁸. Essas características fizeram com que, na contramão da tendência literária da geração de escritores

⁴GERALDO Vieira: *Território Humano*. **Ensaio e Notas**. Stavanger. Disponível em: <<https://ensaiosnotas.com/2017/01/13/geraldo-vieira-o-territorio-humano/>>. Acesso em: 08 de fev. 2022.

⁵VIEIRA, José Geraldo. *A ronda do deslumbramento*. São Paulo: Editora Descaminhos, 2016, p. 7.

⁶*Idem*. *A mulher que fugiu de Sodoma*. São Paulo: Editora Descaminhos, 2015, p. 3-4.

⁷GARCIA, Márcia Aparecida. **José Geraldo Vieira (1897-1977) Fortuna Crítica**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, p. 263. 2003.

⁸ VIEIRA, José Geraldo. *A mais que branca*. São Paulo: Editora Descaminhos, 2016, p. 10.

brasileiros a qual pertenceu, ele se afastasse do regionalismo e de toda aquela “epopéia sertaneja”, dentro da qual estavam inseridos nomes como José Lins do Rego e Graciliano Ramos. Porém, isso não significa que José Geraldo não mantivesse relação com esses outros escritores, negando-lhes a grandeza.

Mas de onde vinha esse estilo do José Geraldo? Bem, como viveu na Europa num local e num período de grande efervescência cultural (a Paris dos anos 20), o escritor carioca assimilou muito do modernismo europeu. Embebeu-se da literatura de nomes como Ezra Pound, T.S. Eliot, James Joyce e Hemingway, chegando a tornar-se um grande tradutor desses dois últimos. Por isso, os temas e o estilo de José Geraldo se destacam tanto em relação aos demais escritores brasileiros da sua época, sempre caminhando no sentido da universalidade. Foi um modernista, não nos termos brasileiros, mas sim nos europeus — a propósito, nem frequentou a Semana de Arte Moderna, pois ainda estava na Europa, à época.

José Geraldo obteve grande êxito em sua carreira como escritor. Logo cedo, assim que publicou *A ronda do deslumbramento*, recebeu elogios aparatosos de muitas personalidades, como do famoso crítico literário Agripino Grieco⁹. Mais à frente, com a carreira a pleno vapor, foi louvado por Érico Veríssimo como o mestre do romance brasileiro; por Manuel Bandeira como o grande mestre da prosa em língua portuguesa; e por Jorge Amado como um grande contribuinte para a novelística brasileira¹⁰. Porém, bastaram algumas críticas negativas de um crítico literário que exalava e exala bastante *ad verecundiam*, para que José Geraldo fosse marginalizado. Este crítico tem nome: Antônio Cândido. Cândido observou as obras de José Geraldo à luz da teoria marxista — como bom marxista que sempre foi —, e quando comentou sobre *A quadragésima porta*, chegou a dizer que era uma obra empenhada em retratar o mero desejo de uma burguesia semicolonial de fazer parte dos grandes eventos europeus¹¹. É nítido que nesta análise Antônio Cândido ultrapassa os limites da crítica literária, e julga a obra de José Geraldo com os olhos dum homem apaixonado pela sua visão de mundo. Todavia, o que nos interessa para este trabalho é que essas críticas do famigerado crítico marxista foram fatais para o legado do escritor, mesmo que, reconhecendo o destaque de José Geraldo, Antônio Cândido tenha chamado *A quadragésima porta* de brilhante¹².

Quando largou a medicina para dedicar-se exclusivamente às críticas artísticas que fazia, e à função de professor na Faculdade Cásper Líbero, a produção literária de José Geraldo arrefeceu, e mesmo ainda participando com afinco da vida intelectual paulista, como

⁹*Idem. A ronda do deslumbramento*. São Paulo: Editora Descaminhos, 2016, p.9.

¹⁰*Ibidem. A mais que branca*. São Paulo: Editora Descaminhos, 2016, p. 8.

¹¹*Ibidem. A quadragésima porta*. São Paulo: Editora Descaminhos, 2015, p. 5-6.

¹²*Ibidem*, p. 6.

escritor, ele foi encontrando o seu fim¹³. Assim que publicou *A mais que branca*, o seu último romance, a sua literatura já não possuía mais a projeção e a predileção de antes. Este fator, coadunado ao frágil estado de saúde que o impossibilitava escrever e às críticas negativas como as de Antônio Cândido, conduziram, melancolicamente, José Geraldo ao limbo da Literatura Brasileira.

Vivendo junto a sua esposa Maria de Lourdes Teixeira, entre o seu apartamento no Largo do Arouche, situado no centro da capital paulista, e o seu sítio (Serro Azul), em São Roque, José Geraldo Vieira faleceu em 17 de agosto de 1977, aos 80 anos. Foi vítima do resultado de anos trabalhando como radiologista: morreu de câncer.

O legado por ele deixado foi enorme, conquanto esquecido. Suas obras não ganharam reedições por um longo período, e na medida em que surgiram novas tendências literárias, cada vez mais afastadas da preferência pela profundidade; assim como preferia a literatura vieiriana; as obras do outrora insigne escritor foram ainda mais soterradas. Porém, mesmo sem mercado aparente para obras como as de José Geraldo Vieira, a editora Descaminhos resolveu trazê-las à tona mais uma vez. Sendo assim, entre 2015 e 2016, grande parte da obra literária de José Geraldo foi reeditada e publicada por meio digital¹⁴. Contudo, a baixa divulgação e o baixo mercado consumidor (resultado da quase inexistente procura por livros desta envergadura), acabaram por fazer com que a iniciativa estiolasse.

3 UM RÁPIDO ENSAIO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA

Há como dissociar a Literatura da História e vice-versa? Não. Não há como. E duas premissas podem suportar esta asserção: 1) nenhuma obra historiográfica existe sem que exista, antes, uma língua na qual ela possa ser expressa. 2) qualquer obra historiográfica precisa de alguém que a escreva, portanto, alguém que seja um autor, que possua um estilo, que conte a História, organizando pensamentos e coordenando conclusões. Sendo assim, o que seria isso senão uma produção literária sustentada por um conjunto de métodos científicos?

Esse raciocínio é perfeitamente demonstrável. Veremos ao longo deste tópico como essa relação de laços estreitos se deu ao longo da própria história humana. Mas veremos isto não por uma ótica comum, explanando sobre como a Literatura serve de documento para a História; veremos isto através da simbiose exercida entre essas indissociáveis áreas do

¹³*Ibidem*. **A mais que branca**. São Paulo: Editora Descaminhos, 2016, p. 7.

¹⁴Aqui ainda vale ressaltar que a Editora Sétimo Selo publicou, recentemente, uma nova edição física de *A mulher que fugiu de Sodoma* e de *A Ladeira da Memória*. Também foi publicada recentemente uma coletânea de contos e críticas literárias do autor, pela editora Arcádia, intitulada *Expressões e Impressões*.

conhecimento, tentando responder, ao final, a seguinte pergunta: qual o tênue limiar que separa uma da outra?

3.1 DA ANTIGUIDADE

Desde a Grécia Antiga a relação entre História e Literatura é íntima. As duas primeiras obras literárias do Ocidente (a *Iliada* e a *Odisséia*) nada menos fazem do que contar a história do nascimento do povo grego. Basta notar como Homero retrata a união entre os chamados aqueus¹⁵ com o intuito de vencer os troianos, constituindo, assim, um mito fundador¹⁶, e logo surgirá a seguinte pergunta: mas isso é História ou Literatura? Essa pergunta se dá porque aqui ambas se confundem por completo; e tanto acontece isso que chega ao ponto de lançar sobre todos os estudiosos de Grécia Antiga a grande questão: a Guerra de Tróia, mesmo subtraindo-se a ação dos deuses, ocorreu de fato ou não?

Talvez pareça um tanto quanto anacrônico falar, neste ponto, sobre História no seu sentido atual. Isso porque a História como conhecemos hoje não existia ainda. Ela não nasceu junto à Literatura, e não foi fruto de Homero. Porém, deve-se salientar que a História enquanto narrativa dos feitos dum povo, ou como conjunto de crenças transferidas duma geração à outra, já existia desde muito antes; desde quando a fala fora inventada. Entretanto, podemos dizer que foi com Homero e a Literatura que a História se tornou uma possibilidade. Vejamos isso a partir de agora.

A História surge como área do conhecimento graças a Heródoto, aquele que é considerado o pai da História já por Cícero (orador romano), desde o século I a.c.¹⁷. Suas obras entrelaçavam História e Literatura perfeitamente, isto muito antes do conceito de História ser difundido com amplidão. Quando ele escreveu a sua obra *Histórias*, talvez nem se desse conta de que concebia uma nova vertente do conhecimento humano. A princípio o seu interesse era apenas firmar, literariamente, a história das guerras entre os helenos e persas, juntando os pedaços de relatos orais, garantindo que esse conhecimento não se perdesse ao longo do tempo ou que não se modificasse com radicalidade¹⁸. Era mais ou menos o que Homero também havia feito, com a exceção de que Heródoto se preocupava com a precisão desses acontecimentos longínquos narrados, ao invés de apenas repeti-los. Ou seja: Heródoto buscava, pela primeira vez na História, instaurar uma narrativa oficial. Podemos dizer que

¹⁵Nome dado aos que seriam os ascendentes dos gregos. Homero se refere constantemente aos gregos como “aqueus”, na *Iliada*.

¹⁶HOMERO. *Iliada*. São Paulo: Editora Penguin, 2013.

¹⁷SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **HERÓDOTO E SUAS HISTÓRIAS**. Revista de Teoria da História, Goiás, 7, número 13, p. 39-51, junho, 2015.

¹⁸(SILVA, 2015, p. 42).

Homero também fez isso, mas não intencionalmente como Heródoto. Contudo, nada do que Heródoto fez seria possível sem a ação predecessora de Homero, que deu o primeiro passo rumo ao costume de gravar histórias partindo duma voz própria.

A genialidade e a força da personalidade desses dois homens concebem duas áreas primas, que se tornarão, daí por diante, tão indissociáveis quanto gêmeos siameses; ora colaborando e ora estranhando uma à outra. Então Heródoto está para a História assim como Homero está para a Literatura.

Mas mesmo com toda essa aparente homogeneidade, há um quê de heterogeneidade que é responsável pela diferenciação entre ambas. A História promovida por Heródoto tem a ajuda da reflexão filosófica¹⁹, na medida em que a Literatura de Homero apenas se preocupa em passar os relatos orais para o papel com a adição de alguns recursos imaginativos advindos do próprio Homero. Talvez, inconscientemente, Heródoto estivesse almejando produzir mais uma proeza além da criação da História: a criação da primeira obra realista. Ele também coligiu inúmeros contos, lendas e narrações folclóricas²⁰, cujas quais, na visão de Otto Maria Carpeaux, revelam “a arte consumada dum grande romancista”²¹. Mesclando essas obras ficcionais ao seu leque de histórias, Heródoto não desapartou a Literatura de Homero da sua História; pelo contrário: ele a ampliou. Isso era sintoma de como História e Literatura criariam uma dependência ao longo das eras.

Aqui na Antiguidade, o que vemos é uma História que surge como proposta de retificação da Literatura, e que às vezes serve como repositório da mesma, além de funcionar como fonte de narrativa oficial sobre os feitos dum povo — em específico do povo grego. Essa é uma primeira face dum primeiro momento dessa relação. Ao longo da História esse quadro mudará; até mesmo se inverterá.

3.2 DA IDADE MÉDIA

Ainda na Antiguidade, o Ocidente passa pela sua primeira grande metanoia: o cristianismo. Esse fenômeno desencadeia uma série de mudanças de ordem social, cultural e espiritual, que vão empurrando a sociedade e a produção intelectual para outras correntes. Nisto vem a criação da Igreja e a progressiva ascensão do discurso cristão, que mesmo sendo oficializado após o Édito de Tessalônica segue sendo perseguido e duramente criticado pelos pagãos. Porém surge uma frente de autores cristãos que oferecem resistência e mais:

¹⁹(SILVA, 2015, p. 40)

²⁰Não só de origem grega, bem como de origem oriental. Deste modo, podemos dizer que Heródoto contribuiu historicamente até mesmo para o Oriente. A sua obra foi, portanto, universal.

²¹CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. Brasília: Senado Federal, 2008, p. 74.

polemizam junto aos pagãos e contra os pagãos. Mas de onde tirar forças para combater a retórica muitas vezes afiada desses críticos anti-cristãos? O Evangelho não era suficiente pois apenas contava uma história e profetizava. Era preciso, então, uma fonte que fornecesse o meio para se criar argumentos cristãos que fossem sólidos e terminantes. Nesse cenário os autores antigos são absorvidos para a formulação duma narrativa cristã que envolva historiografia e imaginário.

Mesmo não existindo na Bíblia um manual de retórica utilizável, é dela que serão retiradas fontes para o entendimento de toda a realidade circundante, sobretudo quanto mais se aprofundar a Idade Média. Para compreender isso, basta notar que na Bíblia estão retratados os cânones da história da relação de Deus com o homem desde muito tempo atrás. As histórias, parábolas, referências aos povos antigos e à posição dos hebreus — o povo revelado — ante a História, servem de inspiração e parâmetro para que o homem medieval pense na sua própria existência, pondere sobre os acontecimentos e expresse-se.

Com a rápida chegada de novos cristãos, todos ansiosos por respostas, e não tendo a Igreja um corpo doutrinário formado, começam os esforços para se formular explicações satisfatórias, sobretudo para aqueles que já estavam distantes da Revelação e que por isso não foram contemporâneos de Jesus Cristo. É com base nesse esforço que surge a patrística; que nada menos fez do que criar uma poética a respeito dos feitos de Cristo, garantindo um certo grau de defesa ao cristianismo contra os ataques pagãos²². A essa poética nós damos o nome de apologia²³.

A patrística também surge como uma tentativa de construir uma historiografia eclesiástica²⁴. Nomes como Santo Agostinho são importantes neste período. A propósito, o livro *Confissões* pode ser considerado um exemplo da nova face da História e da Literatura, pois se torna muito comum, ao longo da História Medieval, o surgimento de obras — muitas delas autobiográficas — onde se relatam as vidas dos santos. Ainda podemos citar, dentre os autores que contribuíram nessas duas áreas à época, Tertuliano e, dando relevância especial a este, Apuleio; que através do seu romance *O Asno de Ouro* relatou a sociedade do seu período²⁵, servindo, decerto, como fonte precisa para estudos históricos.

²²*Ibidem*, p. 135.

²³Ou poderíamos chamar de apologética, que, sob certos aspectos, é mais correto.

²⁴*Ibidem*, p. 135.

²⁵APULEIO. **UOL** - **biografias**. São Paulo. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/apuleio.htm>>. Acesso em: 11 de fev. 2022.

O que vemos no medievo é a Literatura e a História servindo a duas necessidades: criar explicações cristãs acerca dos acontecimentos mundiais (História) e influenciar através da biografia dos santos (Literatura).

3.3 DO RENASCIMENTO

Durante o Renascimento a História e a Literatura ganham um novo intuito. Ambas se afastam dos mosteiros e abadias, e caminham na direção das cortes, do Homem e suas capacidades. Podemos começar falando da História, que desde o “Quattrocento”, com Leonardo Bruni, sofre uma profunda repaginação. Ele cria o famoso esquema tripartite, e esse feito lhe concede o posto de historiador oficial desse período²⁶, além do título póstumo de primeiro historiador moderno. Acontece que Bruni também é um daqueles famosos humanistas renascentistas. Ele abordará temas aos quais toda a produção historiográfica passará a obedecer, como o humanismo, o germe da ideia de nação²⁷, o homem como demiurgo e o eruditismo antigo. Um exemplo nítido disso é a obra *Uma Florença Idealizada*, do próprio Leonardo Bruni. Outros nomes ainda podem ser citados, como Thomas Morus e a sua *Utopia*, que mistura História e Literatura propondo um exercício imaginativo, ou até mesmo o próprio Dante, que já usava a Literatura como um repositório historiográfico desde o “Trecento”, através da *Divina Comédia*.

No “Cinquecento”, a relação História-Literatura torna-se ainda mais pujante, e agora atende à função de gravar, para as gerações futuras, aquilo que naquele momento acontecia. É o caso expresso de Camões, que através da sua epopéia *Os Lusíadas*, produz um feito comparável ao feito homérico. Porém Camões fazia isso no sentido inverso. Se Homero trabalhou com a História já ocorrida, Camões trabalhava com a História que acontecia.

Neste período, a História e a Literatura se tornam criadoras ostensivas, fazendo uma espécie de movimento semelhante àquele que foi feito durante a Antiguidade. Não era de se esperar menos, pois o Renascimento se aproveita, em inúmeros aspectos, da cultura antiga, buscando, assim, reacender a chama deste conhecimento que era considerado perdido devido aos anos de domínio eclesiástico sobre certos conhecimentos. Daí o “renascimento”.

²⁶CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. Brasília: Senado Federal, 2008, p. 330.

²⁷A de se convir que o Renascimento surge na Itália, mais precisamente em Florença, então a questão florentina, conhecida desde Dante, se torna o principal tema dos autores desse período.

3.4 DA MODERNIDADE

Aqui acontecem algumas coisas importantes e fatais para o rumo das duas áreas em questão, bem como para o mundo. O primeiro sintoma das mudanças que vinham era esse: no vestibulo da Modernidade, no ano de 1684, surge uma revista de crítica histórica e literária chamada *Nouvelles de la République de Lettres*, fundada por Pierre Bayle, que possuía o objetivo de criticar a intolerância católica contra os protestantes, a intolerância protestante contra os livres-pensadores, e as crenças barrocas²⁸. Assim, é possível ver que o classicismo racionalista da época, que tinha um quê de aversão burguesa à nobreza e ao clero, ganhava forma e afastava ainda mais a Literatura e a História da visão cristã e barroca. Começa, portanto, a segunda metanoia do Ocidente: o iluminismo.

Através do classicismo de autores como Goethe e Alfieri surgirá o pré-romantismo, e com o pré-romantismo o romantismo em si, e com o romantismo a Revolução Francesa, e com a Revolução Francesa a História como ciência. Pode-se dizer isso pois um dos primeiros indivíduos a tratar a História como ciência foi Voltaire, que também foi uma das mentes inspiradoras da Revolução, e um conhecido escritor dos mais diversos gêneros, mas sobretudo da famigerada epopéia nacionalista *Heriade*, que contava os feitos de Henrique IV. Vemos, aqui, a Literatura e a História serem conduzidas para o patriotismo e para a formação nacional²⁹.

A produção literária e historiográfica dessa época fazia um dueto em nome da consolidação cultural da nova classe emergente (a burguesia), e já dava insinuações da predileção, que se arrastaria ao longo de todo o positivismo, pela história, feitos e personalismo dos grandes homens. Sendo assim, o que temos aqui é uma Literatura e uma História que educam e formam a pátria, ou o cidadão livre, intelectual e fraterno com os seus compatriotas. Como consequência, liberalismo, utilitarismo e progresso definem, também, os temas tratados em ambas as áreas, afinal este era o mundo à imagem da alma do homem moderno. Um homem fervoroso, inspirado pelo classicismo e pelo pré-romantismo ao estilo *Sturm und Drang*, cujo qual Otto Maria Carpeaux atribui a responsabilidade a outra figura importante para a cultura francesa e mundial: Rousseau³⁰.

Se há uma ideia que pode definir os acontecimentos históricos da Modernidade é a seguinte: a Literatura fez a História. Nenhum outro período é demonstração mais cabal do

²⁸*Ibidem*, p. 1044.

²⁹Embora Voltaire tenha contribuído para a destruição da Coroa francesa. Para justificar isso, é proveitoso lembrar que o patriotismo, nos termos modernos, atendia ao ideal de *fraternité*, não mais ao conceito de hereditariedade das casas reais.

³⁰*Ibidem*, p. 92.

poder da Literatura do que este. Os revolucionários apaixonados que derrubavam a Bastilha e tomavam o Palácio de Versalhes, eram os homens apaixonados da enlevação e do entusiasmo pré-romântico.

3.5 DA CONTEMPORANEIDADE

Durante a Contemporaneidade, assomam-se quatro correntes que se contradizem completamente e que influenciam toda a produção intelectual: o idealismo e o empirismo rankeano na História, e o romantismo e o realismo na Literatura. Nisto, a Literatura e a História sofrem uma nova modificação, desta vez cindindo-se um pouco. Mas por que cindem-se um pouco e não completamente? Vejamos: a História sofre a influência do empirismo de Ranke, que pode ser considerado a expressão do realismo historiográfico, e essa postura de Ranke advém da sua tentativa de afastar a História da Literatura e da teoria, uma vez que ele, ao ler a crônica de Commynes, tem a sua atenção chamada para a diferença entre ficção e verdade. Isso o leva a decidir-se por retratar a História como ela realmente aconteceu³¹. Concomitantemente, confrontando as recrudescências idealistas do romantismo, surge o realismo literário, que busca na Literatura fazer algo semelhante àquilo que Ranke fez na História. Aqui surgem nomes importantes como Flaubert e a sua egocêntrica *Madame Bovary*, ou Dostoiévski e o seu alucinado Raskólnikov em *Crime e Castigo*.

A postura metodológica de Ranke fundará os cânones da História científica. Ou seja: de Ranke em diante a História passa a ser encarada como uma ciência tal como qualquer outra. Destitui-se, aqui, a História de Heródoto; a história-arte.

O oposto do realismo literário e do empirismo rankeano é o idealismo kantiano (que se alastra por Hegel e Schelling) e o, ainda em voga, romantismo. Estas correntes perpetram mudanças também significativas na História e na Literatura, e podemos ir além, dizendo que não são mudanças apenas significativas, mas sim mudanças definitivas, pois essas correntes são antagonistas diretas das outras citadas anteriormente.

Um exemplo claro da potência desse idealismo que descende de Kant é Karl Marx. O pai do comunismo, que recebeu a carga idealista através de Hegel, começou a vida intelectual como poeta, e antes de ser o Marx sociólogo ou filósofo, foi o Marx poeta e escritor. O próprio eixo central da teoria marxista (o ideal de luta de classe), que seria também, segundo ele, a força motriz da História, nada mais é que uma projeção idealista que, aliás, podemos dizer que ele aprendeu com Hegel e o seu *zeitgeist*. Além disso, é notável o fato de que toda essa teoria de Marx é amarrada por uma boa dose de aforismos, dignos dum escritor

³¹*Ibidem*, p. 1452

consciente dos efeitos dessa figura estilística. Logo na primeira linha do *Manifesto Comunista* isso é presente, na forma da famosa expressão “a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes”³². Todavia, a veracidade dessa expressão nunca foi cabalmente provada. Mas como ela se mantém guiando estudos e mais estudos, teorias e mais teorias? Ora, é duma simplicidade sem tamanho: essa é a capacidade dos aforismos. Eles se incrustam no imaginário e, sendo ou não verdadeiros, servem como lanternas para o pensamento, na direção dos quais o raciocínio corre cada vez que um problema real se apresenta.

Podemos afirmar que Marx jungiu a Literatura à História duma forma jamais vista. Dum aforismo ele fundou uma tradição e uma forma dentro qual, até hoje, os problemas da História humana são depositados, e, quando retirados, concedem uma resposta, no mais das vezes condizente com a teoria marxista. Ou seja: Karl Marx fez com que todas as gerações subsequentes raciocinassem sobre a História da mesma forma que ele. E tudo isso devido a um estilo avassalador.

Marx não pode ser considerado um cientista, mas um escritor; um escritor idealista, que, como dizia Otto Maria Carpeaux, fez da sua filosofia ação³³, mesmo que essa filosofia tenha sido fundamentada nas bases mais idealistas e românticas possíveis. Sendo assim, Marx foi a realização mais tardia e mais profunda do romantismo. Eis aqui a terceira metanoia do ocidente.

3.6 DO SEGUNDO MOMENTO DA CONTEMPORANEIDADE

De “segundo momento da Contemporaneidade” podemos chamar o tempo que transcorre desde o século XX até então. Aqui acontecem alguns episódios importantes para a História e para a Literatura. Começamos ressaltando a importância da obra de Benedetto Croce, que, com o seu conceito de idealismo dialético, mensurou que a humanidade caminhava para um progresso cada vez maior, rumo à liberdade³⁴. Ele também foi um grande estudioso da Literatura Clássica, e quase nenhum autor escapou das suas críticas, sendo elas boas ou não. Porém, Benedetto Croce foi um dos últimos. Dele em diante, a História adquiriu um alto grau de cientificação e academização. Isso afastou ainda mais a História da Literatura, ao ponto da Literatura se transformar numa espécie de repositório de episódios pitorescos duma determinada época, ou seja: um mero repositório de excentricidades historiográficas,

³²MARX; ENGELS. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Editora Boitempo, 2007, p. 40.

³³CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. Brasília: Senado Federal, 2008, p. 1705.

³⁴BENEDETTO CROCE. **UOL - biografias**. São Paulo. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/benedetto-croce.htm>>. Acesso em: 03 de mar. 2022.

que são consideradas completamente subjetivas. Entra aqui a História que se eleva ao ponto de ciência materialista, bruta, julgadora, enquanto que a Literatura se transforma na exalação das ideologias, dos discursos dominantes, ou dos discursos oprimidos. Não há mais a Literatura como expressão da alma, nem como irmã siamesa da História. A História sobe, se torna a verdade, e a Literatura desce, se tornando o subjetivo, o indefinido, o meramente ficcional.

A origem dessa onda de materialismo é evidente. Tudo isso vem do marxismo. Mas é irônico que assim seja, pois, como explicado no subtópico anterior, Marx não faz outra coisa senão Literatura. Porém, o que ocorre com os historiadores marxistas é o seguinte: como Marx havia fornecido a lente para enxergar a História, mas não a demonstração científica cabal, surge um esforço descomunal para se introjetar a teoria marxista em todo o corpo histórico até então vivido. É em função disso que trabalharam historiadores como Eric Hobsbawn e Edward Palmer Thompson. Eles juntaram documentos de época à teoria marxista, e assim construíram, de trás para frente, a grande narrativa da luta de classe, que é o quê? Uma grande narrativa com fundamentações literárias. Como diria Arquimedes: “Eureka!”. Aqui está o âmago da relação História-Literatura dos dias atuais. Todo o materialismo marxista, que se sobrepôs às demais correntes interpretativas da História, é, no final de todas as contas, um idealismo de origem literária, que continua, por assim dizer, proliferando a tradição romântica do homem que deseja mudar o mundo.

No entanto, nem tudo se perde. Aqui no Brasil, em 1933, é publicada *Casa-Grande & Senzala*, do Gilberto Freyre. Esta obra clássica da historiografia, Literatura e Sociologia brasileira, mescla, de forma ímpar, Literatura e História. Não é incomum ler esse livro e notar uma certa aproximação do narrador em relação ao leitor. Isso foge, e muito, da recrudescência técnico-científica, conquanto Gilberto Freyre se valha de inúmeras fontes históricas. É como se ela fosse uma tese misturada com um ensaio e com um romance.

Algo parecido com o que fez Gilberto Freyre é o que fez Sérgio Buarque de Holanda. Na sua obra *Raízes do Brasil* (1936), Buarque de Holanda mistura Literatura Clássica³⁵ com historiografia, e concatena tudo isso dentro dum ensaio. Isso são sintomas daquilo que podemos chamar de “*siècle d’or*” da vida intelectual brasileira³⁶.

³⁵Mais precisamente, Sérgio Buarque de Holanda faz referência à peça de Sófocles, *Antígona*. Consultar: (Holanda, 1995, p. 139).

³⁶Podemos dizer que a década de 1930 foi um período de intensa fertilidade, na produção intelectual brasileira, pois tínhamos, produzindo ao mesmo tempo, Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda, e o próprio José Geraldo Vieira.

Mesmo com a forma livre e ousada de se fazer História, casos como o dos autores supracitados não se disseminam o bastante para fazer peso na academia. Vence o afastamento da Literatura e da História, sendo permitida apenas uma relação técnico-científica, onde a História é o cientista e a Literatura o objeto observado. Afasta-se, como consequência, o escritor do historiador, e assim emergem os trabalhos enfadonhos e, na mesma medida que enfadonhos, pretensiosos.

3.7 SÍNTESE DO TÓPICO

Ao longo do tópico, vimos duas teorias que podem se articular entre si. A primeira é a teoria das metanoias ocidentais, e a segunda é a teoria das naturezas da relação História-Literatura no tempo humano. Ambas se interdependem pois a segunda representa o resultado material da primeira, e a primeira não pode ser expressa sem a segunda. Sendo assim, como síntese deste tópico, podemos apresentar o seguinte quadro:

1) A Antiguidade apresentou um estado puro da relação História-Literatura, onde ambas se fundiam e se confundiam, possuindo quase o mesmo método (oral) e quase o mesmo objetivo (elucidar os povos quanto à sua origem).

2) A Idade Média, período da primeira metanoia, apresentou um estado conversor da relação História-Literatura. Tentou-se, com êxito, constituir uma História e uma Literatura pautada nos feitos de Cristo e do povo hebreu, atrelando esses acontecimentos ao tempo, à ação e à ética divina.

3) O Renascimento abre a possibilidade de se reaver o conhecimento antigo, por isso há uma inspiração contínua, nesse período, no modelo antigo. Além disso, a História e a Literatura caminham para a construção do humanismo e plantam o germe do nacionalismo.

4) A Modernidade instaura o pré-romantismo, o *Sturm und Drang*, e exacerba-se o ideal de nacionalismo, focando nos grandes feitos do homem e na consolidação burguesa. Ocorre a segunda metanoia, onde a História e a Literatura trabalham para construção da *fraternité* nacional.

5) A Contemporaneidade divide-se em dois momentos. O primeiro é marcado pela dicotomia empirismo *versus* idealismo, e realismo *versus* romantismo, o que culmina no marxismo (a terceira metanoia). Já o segundo é marcado pela absorção da teoria marxista pela camada intelectual, que busca pelo materialismo histórico e literário, gerando, assim, uma separação entre História e Literatura que perdura até hoje.

É importante notar que a visão apresentada ao longo do tópico não possui qualquer “chave universal de explicação”³⁷. Ela foi baseada apenas na análise minuciosa e na crítica literária, ao passo em que foi confrontada com estudos já antes produzidos.

Como conclusão desta análise teórica, devemos responder a pergunta inicial do tópico, que foi abandonada por um certo tempo, enquanto se demonstrava a relação entre ambas as áreas em questão. A pergunta era: qual o tênue limiar que separa uma da outra? Bem, alguns teóricos, como Henri Marrou, não consideram que haja qualquer diferença entre uma e outra, pois ambas seriam artes na mesma medida. Talvez Heródoto concordasse com essa afirmação, mas teóricos mais recentes não. É o caso vastamente conhecido de José Honório Rodrigues, que considera História uma ciência, não uma arte, conquanto ela seja uma ciência diferente das outras.

É uma questão difícil, mas vamos por eliminação. Primeiro, História e Literatura nos contam algo, então isso é uma semelhança. Segundo, a História busca os fatos aproximados da sua realidade, mas a Literatura pode modelar os fatos embora não se desfaça deles. Todavia, ambas narram algo, e, como não são forças abstratas, ambas precisam de alguém que as escreva, ou seja: ambas passam pelo crivo duma pessoa. Portanto, isso seria semelhança ou diferença, no final das contas? Depende. Muito do que a História nos diz depende do historiador, e isso a aproxima da Literatura.

Depois dessa longa meditação, é plausível afirmar que o tênue limiar que divide essas duas áreas primas, ou irmãs; ou ainda irmãs siamesas; é quem as faz. O próprio escritor ou o próprio historiador. É a força da criatividade e da personalidade humana que define até onde vai a Literatura e até onde vai a História.

4 O ÚLTIMO INVESTIMENTO DE ALBANO

Albano, um vultoso patriarca português, está moribundo, à beira da morte, estirado na sua cama, numa das suas grandes propriedades. Os seus próximos (filhos, irmãos e empregados) se preparam para a partida daquele homem tão importante nos limites das suas herdades, e, pode-se dizer, em todo o seu país; pois Albano, sendo o homem endinheirado e visionário que era, investia em muito; em quase tudo. Tinha ações em empresas de fornecimento energético, em petrolíferas, e, antes de morrer, diante da súplica de um amigo dos seus filhos; Michaël; como último ato de generosidade, cedeu dinheiro para a criação da

³⁷ Por chave “chave universal de explicação” deve-se entender grandes teorias explicativas de todos os fenômenos, como a teoria da luta de classes, o *zeitgeist*, ou a teoria das relações de poder.

Despachos Urgentes³⁸, uma agência de informação. Todavia, os seus dois filhos, Bruno e Gonçalo, divergem quanto ao trato que deve ser dado à *DU*. Bruno, mais velho, dedica-se, devido à sua personalidade desembaraçada e inclinada aos negócios, integralmente à agência. Já Gonçalo, mais jovem e de personalidade inconfundivelmente revolucionária, renega a *DU* por um bom tempo, e se opõe à postura adotada pela agência no início da Guerra. Temos, então, algo semelhante a Paulo e Pedro, de *Esau e Jacó*; um nitidamente mais conservador do que o outro. Assim começa *A quadragésima porta*, essa obra ecumênica³⁹, como sugerira o seu próprio criador. Se ele conseguiu, de fato, fazer uma obra ecumênica? Bem, há quem diga que sim, mas há quem diga o contrário.

Este tópico tem como propósito ser o clímax desta pesquisa, por essa razão entraremos nas vísceras de certa parte do romance, sempre relevando a forma como José Geraldo Vieira põe os seus personagens ante a realidade da sua época.

4.1 O PRÉ-GUERRA

Fosse em qual fosse a propriedade do falecido Albano, após a sua morte, excetuando a tristeza lúgubre dos seus parentes, tudo andava normal. As pessoas do Mogadouro viviam tranquilamente, assim como o patriarca havia deixado todos na manhã em que faleceu. Seus dois filhos, Gonçalo e Bruno, haviam voltado à terra natal, e os moradores daquelas vastas herdades sentiam segurança, com a presença de ambos. Era tudo pacato.

Foi nessa atmosfera de tranquilidade onde ocorreu o casamento entre Brígida e Gonçalo. Ela fora, ao longo de toda a enfermidade de Albano, sua cuidadora. Dom Maxêncio — bispo, irmão de Albano e tio de Gonçalo e Bruno —, vendo uma bondade quase angelical naquela moça, resolve pedir a mão dela a Cesário, seu tio, para que assim ela se casasse com o seu sobrinho. Cesário aceita, mas não sem certo contragosto.

O casamento acontece. Brígida e Gonçalo viajam pela Espanha, em núpcias. Numa dada noite, em Madri, Gonçalo encontra Bodington, amigo íntimo e agora funcionário da *DU*. O inglês revela ao amigo português que viaja a Madri pois Michaël, como diretor da agência, mandou chamar a ele, a Kravchenko, e a Ohanian — todos amigos de Gonçalo há muito tempo; sendo Kravchenko russo e Ohanian metade persa e metade russa. Gonçalo, portanto, se surpreende com o fato da existência da *DU* ser real. Então, Bodington revela que a agência não só é real, bem como já possui salas em Paris, e uma grande frequência de visitas dos altos

³⁸Há um consenso sobre qual agência real influenciou a criação da fictícia *DU*. Os críticos dizem ter sido a agência francesa Havas.

³⁹ VIEIRA, José Geraldo. **A quadragésima porta**. São Paulo: Editora Descaminhos, 2015, p. 8.

círculos; e complementa, depois, dizendo que confia em Michaël, fazendo menção à forma entusiasmada de como o homem vê um socialista no poder⁴⁰. Vem, portanto, a primeira citação de algum personagem histórico. Fala-se de René Viviani, primeiro-ministro francês à época, e socialista convicto. Foi um dos grandes responsáveis pela criação do jornal socialista *L'Humanité* (1904), e pela formação do partido socialista unificado, a *Section Française de l'Internationale Ouvrière* (1905)⁴¹. Fala-se, ainda nesse encontro entre Bodington e Gonçalo, sobre Aristide Briand, também socialista e sucessor de Viviani, após a renúncia deste, em 1915. E há, para completar, uma menção, feita por Bodington, da ida de Kravchenko à Rússia, junto à comitiva do então presidente francês Raymond Poincaré. Mas, mesmo ao entrar em contato com essas informações instigantes, Gonçalo evita se envolver com as questões da *DU*. Prefere, mesmo mediante a renitência de Michaël, voltar ao Mogadouro e se manter ao lado da esposa, do tio e de todo o povo residente no lugarejo. Porém, naquela época, a Europa era inevitável.

Bodington não cessa o contato com o amigo português, e permanece enviando jornais para Gonçalo. Muitas notícias chegam aos olhos do rapaz, como o julgamento da Mme Caillaux⁴², esposa do ex-primeiro-ministro francês, Joseph Caillaux. Ela foi responsável pela morte de Gastón Calmette, editor do famigerado *Le Figaro*. A causa? Calmette lançou invectivas contra o seu esposo.

É mister notar os ânimos da Europa nesta época. As divergências não se resumiam a debates, mas culminavam, muitas das vezes, em agressões físicas. Era um período de intensa disputa ideológica, de pouco apaziguamento.

Embora Gonçalo lesse todas essas notícias ainda indeciso, mas sempre negando a ideia de ir à Paris, juntar-se ao irmão e aos amigos; Bodington continua com as insistências, a mando de Michaël. Enquanto ele lia a respeito da Mme Caillaux, Cesário entrega-lhe certa correspondência, marcada com o símbolo da *DU*. Era uma carta de Bodington. Nela, o inglês clama para que Gonçalo vá a Paris, pois Michaël, desde que soube quanto ao encontro dos dois em Madri, anda perseguindo Bruno, e insistindo para que Bodington escreva a Gonçalo, a fim de retirar-lhe alguma resposta. Diz, também, que o próprio Michaël cogitou buscá-lo, mas não vai porque observa com atenção a situação do conflito em Durazzo⁴³, e a queda do

⁴⁰*Ibidem*, p. 44.

⁴¹RENÉ VIVIANI/POLÍTICO FRANCÊS. **Delphi** **pages**. Disponível em: <https://delhipages.live/pt/politica-lei-e-governo/lideres-mundiais/primeiros-ministros/rene-viviani>. Acesso em: 11 de abr. 2022.

⁴²“Mme” é a abreviação de *mademoiselle*.

⁴³Aqui, José Geraldo Vieira faz referência ao conflito na cidade de Durazzo (ou Durrës), no qual o exército do Reino da Sérvia (reino que conquistou a cidade) recua, cedendo espaço para a reconquista albanesa.

governo Ribot, na França. Bodington termina dizendo que está a caminho de Leipzig, onde acompanhará o julgamento do cartunista alsaciano Hansi (Jean-Jacques Waltz)⁴⁴, conhecido por suas críticas anti-germânicas⁴⁵.

Em todos esses episódios narrados até aqui, José Geraldo já nos dá indícios da necessidade que ele sentia, em alocar os seus personagens em meio aos fatos históricos. Pontos como os apresentados acima, são exemplos das vastas sucessões de acontecimentos históricos sobre os quais os personagens têm plena consciência. E esses acontecimentos, desse ponto doravante, apenas aumentaram, se agravaram, até culminar no seguinte episódio: certo dia, Dom Maxêncio, entrando na residência de Gonçalo e Brígida, junto a dois amigos; um farmacêutico e outro juiz; falava sobre a Rússia. O bispo, na verdade, não se pronunciava. Ele deixava que apenas os dois convidados discutissem. O assunto era Alexander Iswolski e Sergey Sazonov, ambos ministros das relações exteriores da Rússia; sendo Sazonov⁴⁶ o sucessor de Iswolski, que renunciou em 1910. Ouvindo os brados dos convidados do irmão, Tia Mariana vai à entrada e repreende Dom Maxêncio. Ele deposita a culpa nos amigos, e pede um copo d'água, pois estava a ponto de colapsar. Dando o copo, ela pergunta o porquê do estado exaltado de nervos do irmão, e ele diz que ocorrera uma tragédia; morrerá alguém. Tia Mariana se desespera, pensa se tratar do Plácido, trabalhador da Quinta⁴⁷, mas o irmão a repreende e explica, finalmente: “mataram Francisco Fernando!”⁴⁸. Tia Mariana não compreende, então pergunta: “o quê? Quem?”⁴⁹. Dom Maxêncio responde, com rispidez: “ó criatura, mataram o príncipe herdeiro da Áustria-Hungria!”⁵⁰ Aqui eclodia a Guerra.

4.2 A IDA DE GONÇALO A PARIS

Pânico absoluto! Após a morte de Francisco Ferdinando, começam movimentações jamais vistas, na Europa. Os primeiros a se empenharem em gravar essas movimentações

⁴⁴VIEIRA, José Geraldo. **A quadragésima porta**. São Paulo: Editora Descaminhos, 2015, p. 49.

⁴⁵Hansi era declaradamente a favor do retorno do domínio francês, sobre a Alsácia. Essa característica influenciou grande parte da sua obra. E, indo além da Primeira Guerra, durante a Segunda, ele foi apanhado pela Gestapo e espancado, devido ao seu posicionamento sempre crítico, em relação aos alemães. Consultar: JEAN-JACQUES WALTZ AKA HANSI. **Tourisme Colmar**. Disponível em: <<https://www-tourisme--colmar-com.translate.goog/en/visit/presentation/history/famous-people-from-colmar/17-jean-jacques-waltz-aka-hansi? x tr sl=en& x tr tl=pt& x tr hl=pt-BR& x tr pto=sc>>. Colmar. Acesso em: 19 de abr. 2022.

⁴⁶Por muitos, Sazonov é considerado um dos principais culpados da Primeira Guerra, devido às suas interferências nos Balcãs. Já por outros, as medidas de Sazonov foram todas feitas com o intuito apaziguador de refrear certos impasses.

⁴⁷Principais terras de Albano.

⁴⁸Consultar: (VIEIRA, 2015, p. 52)

⁴⁹Consultar: (VIEIRA, 2015, p. 52)

⁵⁰Consultar: (VIEIRA, 2015, p. 52)

foram os jornalistas. Nisto, a *DU* lança inúmeras manchetes clamorosas e alarmistas, visando, mais uma vez, tocar o Mogadouro; ou seja: visando tocar em Gonçalo.

Com esses últimos acontecimentos, a atitude da *DU*, claramente guiada por Michaël, começa a surtir efeito, ao ponto de fazer com que Gonçalo e Brígida comecem a revezar os jornais, atraídos pelas manchetes. E algumas delas falavam, por exemplo, sobre a postura de Guilherme II⁵¹, o *kaiser* alemão. O governante, instruído por cortesãos, virou as costas para o conflito que se iniciava, e seguiu para a sua viagem anual de iate pelo Mar do Norte.

Na mesma manchete em que se falava da viagem do *kaiser*, falava-se também de Francisco-José I da Áustria, cujo qual teve uma postura semelhante a Guilherme II, tornando as costas para o conflito e deixando as decisões sobre assuntos elevados nas mãos de conselheiros; isso enquanto isolava-se para caçar cabritos malteses⁵².

É perceptível, através da observação dessas manchetes, que havia um certa confusão, dentre as monárquicas europeias. Esse cenário passa-nos a impressão de completa discordância e de completo descaso. Isso serve-nos para demonstrar o colapso no qual entrava esse poder dinástico. Um colapso que se apresenta a nós como uma espécie de prelúdio do cenário vindouro, carregado de ideologia e despotismo.

Apesar da pouca importância que Francisco-José dá ao atentado, com o aval dele, um ultimato é lançado contra a Sérvia. Esse episódio crucial da história da Primeira Guerra não foge da rigorosidade histórica de José Geraldo, que o cita em outra manchete da *DU*⁵³. E ele vai além: faz nota, também, na mesma manchete sobre o ultimato, a respeito da prudência da Inglaterra, chefiada, na época, por Edward Grey, que relutou em entrar em conflito com a Alemanha. E não é indigna de citarmos aqui, a nota feita, ainda nessa mesma manchete, sobre Jules Cambon e Paul Cambon, ambos diplomatas franceses, responsáveis por manterem Inglaterra e França próximas e firmes.

Os grupos populares agentes também não fogem ao olhar atento de José Geraldo; não são apenas os estadistas que merecem atenção, ou que tomam para si as ações dessa turbulenta história. Gonçalo, ao ler todas aquelas manchetes, sente-se em meio aos protestos pacifistas de operários e estudantes, que, contraditoriamente à paz desejada, atiravam pedras às chancelarias^{54 55}.

⁵¹VIEIRA, José Geraldo. **A quadragésima porta**. São Paulo: Editora Descaminhos, 2015, p. 52.

⁵²*Ibidem*, p. 52.

⁵³*Ibidem*, p. 52.

⁵⁴*Ibidem*, p. 52.

⁵⁵Veja como em uma única página José Geraldo Vieira cita inúmeros fatos históricos. Essa característica casa perfeitamente com a efervescência da época, onde, decerto, as informações chegavam aos montes, enquanto jornalistas corriam para capturar cada fenômeno.

O interesse e a absorção cada vez maior de Gonçalo, demonstra que ele vai, progressivamente, esmorecendo; se tornando cada vez mais suscetível às investidas obstinadas de Michaël. E o seu interior de jovem pacifista o coage ainda mais.

Nesse ponto do romance, onde se trata do começo da Guerra, fala-se, também, sobre os discursos socialistas, promovidos por dois expressivos políticos do socialismo europeu: Karl Liebknecht (líder socialista alemão), e Ramsay Macdonald (líder trabalhista inglês e um dos fundadores do Partido Trabalhista)⁵⁶. A expressividade que esses dois ganham, nesse período de guerra, mostra uma ascensão da ideologia socialista; algo que só pode ser compreensível se assestarmos os nossos olhos, mais uma vez, em direção à fragilidade das monarquias. Muitos intelectuais e cidadãos inclinam-se em direção dessa corrente, durante esse período.

Como já era de se esperar, chega uma hora em que Gonçalo não resiste. Chamava-lhe, com muita força, a *DU* e a Guerra. Mas é por conta de um empregado que Gonçalo resolve, em definitivo, ir a Paris. Trata-se de Dick, um trabalhador inglês que vivia na Quinta.

Uma manhã, Dick resolve ir embora. Todos na Quinta se opõem, tentam negociar com ele, mas não auferem qualquer êxito. Dick vai embora, volta para a Inglaterra, com a esperança de reaver a sua dignidade através do empenho na Guerra⁵⁷. E ele parte, sentado na janela do trem, gritando “the war! The war!”⁵⁸. Com esse episódio, José Geraldo nos atenta para um detalhe imprescindível: o povo eivou-se de sentimento patriótico. Isto já prenuncia a falha no esforço dos movimentos pacifistas, que não conseguiram direcionar a maioria do povo contra a Guerra.

Vendo a partida de Dick, influenciado pelas matérias da *DU*, Gonçalo resolve partir para Paris, com o objetivo de tomar a agência para si, resolver-se com Michaël e promover uma grande campanha em prol da paz⁵⁹. Assim, ele deixa Brígida a derramar lágrimas e se vai, tal como Dick, com a mente repleta de ideias e com a alma cheia de convicção.

4.3 A IDA DE BRÍGIDA AO ENCONTRO COM GONÇALO

A Guerra se desenrola. E na medida em que isso acontecesse, amplia-se a participação popular⁶⁰. As conversações também aumentam de número, na tentativa de conter o avanço da

⁵⁶*Ibidem*, p. 53.

⁵⁷*Ibidem*, p. 54.

⁵⁸Consultar: (VIEIRA, 2015, p. 54)

⁵⁹*Ibidem*, p. 55.

⁶⁰*Ibidem*, p. 56.

Guerra. Sobre isso, José Geraldo faz menção, inclusive, a discussões para conter o avanço alemão em Antuérpia⁶¹.

O que mais impressionava, certamente, era a contundência dos ataques alemães. O chefe do Estado Maior alemão, Helmuth Johannes Ludwig von Moltke (Moltke, o Jovem), por exemplo, desprezou por completo as propostas de paz vindas da Inglaterra⁶². Essa postura causou tanto espanto que, no Mogadouro, Dom Maxêncio compenetrrou-se, finalmente, do alto peso da Guerra, o que, como consequência, de forma tácita, serviu de anuição para a partida do sobrinho. E Gonçalo foi, mas não sem deixar Brígida com uma grande lembrança sua: ela estava grávida.

No caminho, Gonçalo passava cartas, informando a sua localização e o que acontecia. Em parte isso tranquilizava Brígida, Dom Maxêncio e os outros, mas não era o suficiente, sobretudo para a sua esposa, que ao ver as manchetes ficava com os nervos exaltados. Isso ocorria de tal modo, que a tia Mariana recomendou o distanciamento dos jornais⁶³.

As manchetes mostravam um ambiente ainda mais inflamado, indo na contramão de todas as apostas de paz. Elas traziam, por exemplo, o anúncio da violação das fronteiras de Luxemburgo e da Bélgica, da invasão da Prússia Oriental, e dos embarques de tropas em Paris, na *Gare de L'Est*, rumo ao *front*⁶⁴.

Em meio a todo esse cenário cataclísmico, Bodington e Kravchenko vão à linha de frente, com a missão de adquirir informações essenciais para a *DU*, sobre a Guerra. E, com o seu espírito inclinado a confusões e aventuras, o que devemos pensar que Gonçalo viria a fazer? Quando os seus vieram saber do seu novo posto de trabalho, ele já mandava uma carta de lá — também fora para o *front*⁶⁵.

Um período de longo tormento se instaurou, onde batalhas incessantes aconteciam, sem qualquer previsão de vitória, seja de um lado ou de outro.

A esperança só tornou a embalsamar o mundo quando ocorreu a vitória franco-britânica em Marne, onde a Alemanha sofreu um grande dano em sua armada. José Geraldo comenta sobre este episódio, e usa ele como a grande razão para as cartas de Gonçalo receberem tons mais alegres⁶⁶.

⁶¹*Ibidem*, p. 56.

⁶²*Ibidem*, p. 57.

⁶³*Ibidem*, p. 58-59.

⁶⁴*Ibidem*, p. 59.

⁶⁵*Ibidem*, p. 60.

⁶⁶*Ibidem*, p. 61.

Enquanto o marido estava lá, no *front*, envolvido com a Guerra, Brígida se preparava para dar a luz a Albano⁶⁷. E isso aconteceu com o amparo de tia Mariana, de Maria Amélia (sua cunhada), e de todas as mulheres do Mogadouro. Mas a consciência da jovem esposa de Gonçalo caminhava em dois sentidos. O primeiro era a vinda e o cuidado com o filho nos primeiros meses, e o segundo era a situação do seu esposo. Ela tratou do primeiro até não poder mais amamentar, e do segundo ela tratou assim que acabou o primeiro. Com uma ideia fixa, Brígida se dirigiu até o paço episcopal de Dom Maxêncio e pediu-lhe cartas de recomendação, para conseguir um passaporte. Ele negou, mas, como Brígida ameaçou fugir, não teve escolha; cuidou da papelada e enviou a esposa do sobrinho rumo a Paris⁶⁸.

No caminho, Brígida não encontrou menos do que poderia esperar (aqui José Geraldo cria uma descrição imersiva no ambiente social da época). A viajar, iam fidalgos e novos-ricos, rumo a cassinos e praias de banho; jornais e instantâneos, alguns assinados pela *DU*, chegavam em suas mãos; *tommies*⁶⁹, em vagões, passavam cantando; carros-pranchas a todos pistões carregavam peças de artilharia; trens e mais trens atulhados com soldados⁷⁰. Como disse o próprio José Geraldo, eram as escamas caídas longe do monstro⁷¹.

Depois de uma longa e estafante viagem, Brígida chega a Paris, e, sem esperar por mais nenhum minuto, vai à sede da *DU*. É neste ponto que José Geraldo demonstra como a alma humana não esquece as suas próprias intrigas, mesmo perante as intrigas do mundo. Bruno é quem a recebe, com grande surpresa, e enquanto o cunhado chama o irmão, ela vê Gonçalo sentado num sofá, esquivando-se de uma moça que tenta acender o seu cigarro no dele. Era Ohanian. Brígida, vendo esta cena, sente uma curiosidade, sutilmente eivada de ciúmes; uma curiosidade que a acompanhará por toda a sua estadia em Paris.

Já fora da *DU*, almoçaram Gonçalo, Bruno e Brígida. No que passava o almoço, Gonçalo contava histórias sobre o *front*, descrevendo, sobretudo, a atmosfera psicológica e sinistra dos campos de batalha. Falava sobre a angústia de esperar o momento de surgir dentre as trincheiras; sobre o som repetitivo das metralhadoras; sobre a anatomia e o efeito de cada bomba; sobre a ânsia que beira a loucura; sobre a camaradagem; sobre a estranha relação entre o homem e a terra, que alcança um nível nunca alcançado pelo lavrador, pois essa terra serve como leito de morte, e como a derradeira amante⁷².

⁶⁷O neto recebeu o nome do avô.

⁶⁸*Ibidem*, p. 65.

⁶⁹Codinome dado aos soldados rasos britânicos.

⁷⁰*Ibidem*, p. 66.

⁷¹*Ibidem*, p. 66.

⁷²*Ibidem*, p. 69.

De volta à *DU*, Brígida conhece mais três figuras a respeito das quais ela apenas ouvia citações. A mais icônica delas é o famoso Michaël, o instigador da ida de Gonçalo a Paris e ao *front*. As outras duas são Bodington e Kravchenko. Os três tratam-lhe muito bem.

Como os três homens ainda não haviam almoçado, Gonçalo e Brígida os acompanham a um restaurante. Lá a moça se impressiona com a amizade deles, e com os seus espíritos ativos e alegres, mesmo em meio à Guerra. E, uma vez em Paris, por que não assistir a um musical? É isso que Brígida faz, junto ao seu esposo e aos amigos da *DU*.

Sentada na plateia, ela reconhece, durante a apresentação, que Ohanian é uma das bailarinas; sente algo estranho, cujo nome nem sabe dizer, mas sem qualquer tempo para resfolegar, Michaël surge e chama Gonçalo e Kravchenko para irem urgentemente à *DU*: ocorria a importantíssima batalha naval da Jutlândia (1916), e não se sabia quantos navios da *Home Fleet*⁷³ foram a pique⁷⁴. Apressados, ao receber esta notícia, todos saem, mas ao pisarem na calçada, ocorre algo assustador: tocam as sirenes de alarme e todas as pessoas na rua buscam abrigo, deixando tudo no mais absoluto silêncio⁷⁵. Por que? Porque os *Toubes*⁷⁶ faziam um *raid*⁷⁷. Nesta cena, José Geraldo, em um pequeno parágrafo, é capaz de situar o leitor na atmosfera aterrorizante em que os habitantes de Paris viviam; não apenas os parisienses, bem dizer, mas todos os habitantes europeus.

Ao cessarem as sirenes, todos saem do vestíbulo do teatro e se põem na rua. Mediante o ocorrido, Michaël afirma que grandes coisas acontecerão, e roga a Brígida que volte ao Mogadouro, para ficar ao lado do seu filho. E de fato ele estava certo. Logo após o sobrevôo dos alemães em Paris, vem a investida de Hindenburg, e os combates chefiados por Kronprinz, em Verdun⁷⁸.

Brígida sequer cogita levar Gonçalo consigo. O momento era grande e tenebroso. Ela volta para Portugal e deixa o seu marido em Paris. Este, por sua vez, voltou ao *front*.

4.4 A MUDANÇA DE PLANOS DE GONÇALO — A IDA PARA MOSCOU

No Mogadouro, as pessoas recebem com surpresa um telegrama de Gonçalo, no dia 18 de novembro de 1916. Nele, o esposo de Brígida avisa que regressa a Portugal⁷⁹. Dias depois, ele chega na Quinta, para a alegria de Brígida, de Albano e de todos.

⁷³Trata-se da Frota Doméstica. Importante divisão da marinha britânica.

⁷⁴*Ibidem*, p. 77.

⁷⁵*Ibidem*, p. 77.

⁷⁶Nomenclatura dada a um certo tipo de avião alemão, e que se tornou sinônimo da aviação de guerra alemã da época.

⁷⁷Termo militar utilizado para designar ataques rápidos.

⁷⁸*Ibidem*, p. 78.

⁷⁹*Ibidem*, p. 80-81.

Após um reencontro caloroso com a esposa e o filho, Gonçalo se entrega ao ócio. Passa o dia aproveitando a paisagem, os passeios a cavalo, tira cochilos, e inteira-se sobre os balanços financeiros do Mogadouro (não sem expressar tédio)⁸⁰. Porém, essa paz e marasmo duram pouco. Logo veio o ano-novo, que trouxe os telegramas e despachos da *DU*, requisitando o seu urgente retorno. Como resposta, Gonçalo faz a mesmo que fez antes de ir para a Guerra: reluta, e põe como novo empecilho o fato de andar desconfiado com Michaël⁸¹. Todavia, Michaël não reconhece limites, e para reaver Gonçalo, toma uma atitude extrema. Em certa manhã, chega no Mogadouro um carro com placa e motorista estrangeiro. Era o *chauffeur* de Michaël. Contrariado, Gonçalo entra no carro e pede para que o motorista vá às Leivas, outra das várias terras de Albano. Lá, ele entra no hotel onde o esperava ninguém mais, ninguém menos do que Ohanian⁸². Enraivecido, Gonçalo reclama das novas amizades de Michaël e das novas diretrizes da *DU*, que se aproximavam da espionagem⁸³. Porém, outra vez é tentado e outra vez cede. Diz que irá a Paris, mas é para despedir Michaël e tomar o controle da *DU*⁸⁴.

Já em Paris, Gonçalo entra na Agência disposto a sabatar Michaël, mas o seu amigo, como sempre, muito astuto e escorregadio, desvia das investidas do jovem rapaz, defendendo que a *DU* necessita expandir, dando aos seus leitores informações que vão além do *front*, adentrando nos bastidores da política e dos acontecimentos. Com veemência, Gonçalo renega essa postura, repreendendo a Michaël e atacando o seu desejo de ganhar dinheiro a qualquer custo.

Depois de uma longa deliberação sem resultado, Gonçalo sai pelas ruas de Paris, transtornado, e Michaël segue-o, contra a vontade do outro. Na medida em que caminham, voltam a deblaterar. Ao final deste novo debate, como de costume, Michaël consegue o que deseja: Gonçalo, alegando fazer isto por livre e espontânea vontade, compenetra-se de ir à Rússia⁸⁵, com a finalidade de instalar uma sucursal da Agência.

Quem não aprovou a nova aventura de Gonçalo, como já era de se esperar, foi Brígida. Todos esperavam o retorno dele, após o armistício e a rendição alemã, sobretudo ela; porém, como sabemos, por conta da conversa em Paris, ele não voltou. Mas esta não é a pior parte. O que mais provocava desatino era a falta de notícias sobre Gonçalo. Ele simplesmente havia desaparecido, na Rússia. José Geraldo nos põe a par dessa informação através de uma carta de

⁸⁰*Ibidem*, p. 83-84.

⁸¹*Ibidem*, p. 84.

⁸²*Ibidem*, p. 85.

⁸³*Ibidem*, p. 85.

⁸⁴*Ibidem*, p. 85.

⁸⁵*Ibidem*, p. 92.

Bruno, onde ele inteira Brígida do empenho despendido para encontrar o seu esposo, alertando-a, também, sobre o fulgor dos ideais comunistas distribuídos na Rússia⁸⁶.

A espera de Brígida por notícias consistentes ainda durou muito tempo. As cartas de Bruno sempre traziam um conteúdo repetitivo e vago, que mais apelava à fé do que aos vestígios. Mas certo dia, quem sabe se não por ação da fé, ela recebeu três cartas (uma de Bruno, outra de Bodington, e mais uma de Michaël) que lhe pediam a ida urgente a Paris: havia notícias de Gonçalo⁸⁷.

Brígida viaja, e vai acompanhada do seu tio, Cesário. Na estação, os espera Bruno, que descreve a comoção de Michaël ao descobrir o paradeiro de Gonçalo⁸⁸, e fala, também, sobre a influência exercida pela *DU* sobre ministérios e organizações⁸⁹. Isto nos faz pensar sobre a dimensão do poder que a imprensa e as agências de informações exerceram na História. Agindo, através dos seus informantes, esses órgãos conduziram, muitas vezes, não os manches em si, mas as mãos que guiavam os manches dos acontecimentos.

Quem achou Gonçalo foi um dos homens empenhados nessa tarefa, dentro aqueles que foram citados na primeira carta de Bruno. Tratava-se do Dr. Decker, um engenheiro. E as informações arrendadas por ele, estavam contidas numa carta, em posse da sua esposa, que morava na cidade de Colônia⁹⁰. E é à cidade alemã para onde se dirigem Bruno e Brígida, deixando Cesário em Paris, tendo em vista que Colônia estava sob o domínio inglês, e conseguir um visto para ir até lá era uma tarefa árdua⁹¹.

Em Colônia, a esposa do Dr. Decker recebe Bruno, Bodington (que já estava na cidade), e Brígida. Ao vê-la, a Sra. Decker se compadece com o sofrimento da jovem, e explica que também sofrera: o seu marido foi preso por seus ideais, fez parte da *Spartakusbund*, e, não possuindo mais chances de emprego na Alemanha, resolveu seguir para a URSS, como técnico⁹². Após este acalanto, ela começa a ler a carta. Aqui, todos tomamos conta de duas coisas: primeiro, da “odisséia” de Gonçalo, e segundo, da maior e mais rápida alquimia histórico-literária feita pelo José Geraldo Vieira, nesse romance. Observemos isto no próximo parágrafo.

Gonçalo começa dizendo que em fevereiro de 1917, ele, Kravchenko e Ohanian desceram no Hotel Astória, e imediatamente trataram de resolver os trâmites para a instalação

⁸⁶*Ibidem*, p. 105-106.

⁸⁷*Ibidem*, p. 114.

⁸⁸*Ibidem*, p. 120.

⁸⁹*Ibidem*, p. 120.

⁹⁰*Ibidem*, p. 121.

⁹¹*Ibidem*, p. 121.

⁹²*Ibidem*, p. 122.

da sucursal russa. Após isto, os outros dois voltam ao *front*, e ele se mantém na Rússia. Nesse interim, escreve sobre a movimentação das tropas imperiais, e prepara o seu regresso a Paris, porém, antes disso ocorrer, vem o colapso: o povo começa a marchar na Avenida Nevsky, em direção ao palácio Tauride. O que sucedeu depois disto, como bem fala Gonçalo, é evidente; e ele documenta a Revolução Russa, acreditando piamente que as suas informações eram únicas, que mais nenhuma outra agência estava ali. Mas não era verdade: a Havas já colocava o mundo a par do processo. Por não saber desse pormenor, ele continua documentando e despachando tudo, enquanto escrevia a lápis, pois teve que vender as suas duas máquinas. E escreveu debaixo dos tiros das metralhadoras na rua Sadovaya, e na praça Maria, no mesmo instante em que líderes socialistas como Kerensky e o próprio Lenin inflamavam a população. Foi então que notou a impossibilidade de ficar ali. Desejava ter informações dos amigos, em meio àquela confusão, e para obter isto, traçou viagem a Pinsk e Stanislau, de onde havia recebido os últimos informes de Ohanian e Kravchenko. Mas, passando por séria penúria, e enfrentando as adversidades da guerra civil iniciada, não conseguiu chegar nem em Tarnopol. Ainda assim prosseguiu. Precisou vender o seu sobretudo, as abotoaduras de ouro, o relógio, e ao mesmo tempo manter os seus olhos atentos, de repórter, vivendo em cidades que ora pertenciam aos *brancos* e ora pertenciam aos *vermelhos*; também ouviu muitos discursos de Trotski, e rememorou os familiares e amigos, no Mogadouro. Essa peregrinação continuou, sem alcançar êxito, ainda por um bom tempo, e enquanto isso, Gonçalo serviu como tradutor em minúsculas universidades, trabalhou distribuindo cartões de ração, julgando cartazes propagandísticos e curtindo couro. Quando começou a trabalhar como condutor de ambulâncias, em uma cidade dominada por *vermelhos*, mas infiltrada por *brancos*, foi onde finalmente encontrou Kravchenko. Teve pouco tempo para falar com o amigo, porém o suficiente para descobrir que ele era um chefe dos *brancos*. Havia entrado para o lado contra-revolucionário por uma questão pessoal: os *vermelhos* mataram os seus dois genros e o seu pai. Contudo, alegou a Gonçalo que ele poderia se inclinar para qual direção fosse a sua consciência, e ainda assim seriam amigos. Disse, também, que na manhã seguinte os *brancos* aplicariam um golpe, tomando a cidade para si, e depois disso poderiam conversar melhor. Mas, em meio a essa rápida conversa, uma informação trocada chocou ambos. Pensava, Kravchenko, que Gonçalo tinha notícias de Ohanian. Porém, Gonçalo fora atrás de ambos justamente porque conjecturou estarem juntos. Contudo, não estavam, ou seja: ambos haviam se perdido da mulher, levada para a Rússia mediante súplicas dos dois. Mesmo intrigados com o paradeiro de Ohanian, era melhor esperar o dia seguinte, onde poderiam se encontrar na sede dos *brancos*. E o dia seguinte veio. Gonçalo aguardou a agitação provocada pelo golpe,

mas estava tudo tranquilo, e as patrulhas *vermelhas* ainda rondavam. Saiu de casa, buscando indícios do que havia acontecido. Por fortuidade, encontrou seis mortos *brancos*, dentre os quais estavam um adolescente, quase criança, e, para o desespero de Gonçalo, Kravchenko. Embora o triste e traumático fim do amigo, era preciso resiliência, pois ainda faltava encontrar Ohanian. E Gonçalo a encontrou. Dias depois, através de exemplares do *Pravda* e do *Izvestia*⁹³, ele viu a foto da amiga estampada numa das capas. Ohanian estava presa. Vista com Kravchenko, recebeu uma sentença de cinco anos. Encerrando a história, Gonçalo revelou ao Dr. Decker que esta era a razão pela qual se mantinha na Rússia. Ainda estava lá a fim de encontrar a amiga, cogitando voltar ao Mogadouro apenas quando a localizasse e a pusesse numa fronteira⁹⁴.

4.5 A VOLTA DE GONÇALO A PORTUGAL

Este subtópico é conciso como a nova personalidade de Gonçalo.

Após receber aquelas notícias, Brígida ainda continuou um certo tempo em Paris. Depois, partiu ao sul da França, onde passou mais algumas semanas, antes de voltar a Portugal. Já no Mogadouro, ela esperou sete meses tenebrosos, até que, finalmente, Gonçalo voltou.

Em primeiro lugar, Gonçalo tratou de descansar, mas, no domingo da mesma semana em que chegou, promoveu um jantar, onde recebeu Dom Maxêncio e algumas outras figuras importantes do Mogadouro. O principal assunto não poderia ser outro: a Rússia.

Gonçalo começou revelando o paradeiro do Dr. Decker. Disse que ele se tornou diretor do Prombank⁹⁵. Depois comentou sobre a condição de vida dos burocratas russos, afirmando que eles não ganhavam mais do que o necessário⁹⁶. E estremeceu a todos ao falar do número de mortos deixados pela guerra civil⁹⁷.

Acabado o jantar, Gonçalo ainda impressiona aos convidados com as suas histórias sobre a sociedade russa. Mas, acabadas essas histórias, quase todos vão embora, sobrando apenas Dom Maxêncio, que lhe faz uma pergunta. O tio de Gonçalo quer saber sobre o paradeiro de Ohanian. Vagamente, o sobrinho responde dizendo que a amiga morreu de disenteria bacilar, enquanto ainda estava presa. Ou seja: a revolução sorveu-lhe os dois amigos enviados à Rússia com ele.

⁹³*Pravda* e *Izvestia* eram dois jornais de grande circulação, na União Soviética.

⁹⁴Todas as informações desse parágrafo estão em: (VIEIRA, 2015, p. 123-129).

⁹⁵*Ibidem*, p. 165.

⁹⁶*Ibidem*, p. 166.

⁹⁷*Ibidem*, p. 166.

Apesar de ter voltado a sua tradicional terra, Gonçalo não tinha a mesma personalidade de antes. Voltou mudado. O tempo que passou na Rússia, o transformou num forte adepto das ideias comunistas. Por isso, ele promoveu grandes mudanças no Mogadouro. Uniformizou os trabalhadores, concedeu férias, criou diversão para o povo, auxiliou as mulheres grávidas, derrubou velhas propriedades para construir dormitórios, e assim por diante⁹⁸. Para completar, começou a escrever um livro de teor revolucionário. Era outro Gonçalo e eram outros tempos. Outros tempos que antecederiam novas conturbações no coração já tão adoentado daquele continente.

5 CONCLUSÃO

A história de Gonçalo não acaba onde este trabalho a deixou. Ela continua, ao longo de mais trezentas páginas. E não se resume a Gonçalo. Era algo próprio do estilo de José Geraldo, entrelaçar a vida de inúmeros, quase infindáveis, personagens. Mas o drama na Guerra e o martírio do rapaz na Rússia são o suficiente para as finalidades desta pesquisa.

Se foi bem escrito, este trabalho destacou como a Literatura e a História podem andar juntas, em união tão íntima, que alcançam a confusão. Até onde é História, e até onde é Literatura? Lendo a trama de *A quadragésima porta*, não sabemos com exatidão. Mas podemos, sim, com grande imersão imaginativa, mensurar que pessoas reais enfrentaram dramas parecidos — senão iguais — aos de Gonçalo, de Brígida, de Kravchenko, etc. Basta pensarmos o seguinte: quantos jovens jornalistas não foram ao *front*, gravar os acontecimentos horroríficos da Guerra, como Gonçalo? Quantas esposas não ficaram aflitas, enquanto os seus maridos guerreavam, como Brígida? Quantas pessoas não foram presas e mortas durante a guerra civil russa, como Kravchenko? Quantos pessoas não se esvaíram no interior de uma cela imunda, como Ohanian?

É a Literatura quem nos aproxima dos sentimentos, quem nos mostra os dramas por dentro, quem nos conscientiza de que fazemos parte da História, e não somos entidades abstratas e superiores, pairando no ar e relatando, com indolência, cada passo dos nossos observados. Mas nos falta esta consciência. Por essa razão, no mais das vezes, escrevemos sobre a História de modo exageradamente impessoal, nos afastando do nosso objeto de estudo como se enxergássemos tudo desde o Olimpo. Porém, caem em nossas mãos, vez ou outra, obras como *A quadragésima porta*, e nos mostram que História e Literatura podem reatar as mãos, atraindo o leitor, sendo ele estudioso, ocasional, ou diletante.

⁹⁸Todas as informações desse parágrafo estão em: (VIEIRA, 2015, p. 170-178).

O que José Geraldo Vieira tem a nos mostrar, é que não há um limiar perfeito entre a Literatura e a História, pois uma adentra na outra, gerando algo único, assim como a mistura entre duas substâncias resulta numa nova, de natureza única. No caso da mistura entre Literatura e História, o resultado é a expressão da própria vida, da própria realidade. Dizendo de outro modo, através do José Geraldo, podemos lembrar que escrevemos obras para serem lidas, apreciadas, ao mesmo passo que ensinam. A forma pode não ser tudo, mas através de uma boa forma, de um bom estilo, somos capazes de envolver quem lê. E nos foge, hoje, esta vontade. Talvez fugir não seja a palavra certa. Talvez o correto seja dizer que nos é negada esta vontade. Talvez seja ainda mais correto dizer que esta vontade nos é desestimulada. Por qual preço? Pelo preço de nunca sermos lidos por quem está além dos pares, por quem deveria ser o nosso público principal: os cidadãos.

Ao longo da pesquisa, percebemos como o autor de *A quadragésima porta* retrata, com fidelidade minuciosa, o ambiente geral da época, inteirando-nos sobre dois fatos históricos de suma importância, para a história do século XX e do mundo: a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa. Neste romance ainda é possível encontrar esse mesmo trato pormenorizado com outros eventos, como as tensões que povoaram o período entre guerras, e a própria Segunda Guerra Mundial. Sendo assim, José Geraldo Vieira reafirma a sua importância na literatura brasileira, e demonstra como pode contribuir para a pesquisa historiográfica nacional.

WAR AND REVOLUTION: LITERATURE AND HISTORY IN “A QUADRAGÉSIMA PORTA”, BY JOSÉ GERALDO VIEIRA.

Abstract

Much of the knowledge of a people is kept within its History and Literature. When studied separately, one creates awareness of the facts, and the other creates awareness of reactions to the facts. But when studied together, both create a broad awareness of life yesterday, today, and possibly tomorrow. Aiming to deal with this relationship, with a special focus on the First World War and the Russian Revolution, this work will scan some pages of the novel "A quadragésima porta", by José Geraldo Vieira. The main intention is to make us understand the importance of the intertwining of these two areas, showing, consequently, how Literature can support History; not only in terms of understanding the facts, but also in terms of historiographical writing itself. Therefore, this research has a multifaceted purpose, because at the same time it presents itself as a historical research, it also presents itself as a brief essay on the current situation of writing History works.

Keywords: History. Literature. José Geraldo Vieira. The fortieth door.

REFERÊNCIAS

OBRAS DE JOSÉ GERALDO VIEIRA

VIEIRA, José Geraldo. **A mais que branca**. São Paulo: Editora Descaminhos, 2016.

VIEIRA, José Geraldo. **A mulher que fugiu de Sodoma**. São Paulo: Editora Descaminhos, 2015.

VIEIRA, José Geraldo. **A quadragésima porta**. São Paulo: Editora Descaminhos, 2015.

VIEIRA, José Geraldo. **A ronda do deslumbramento**. São Paulo: Editora Descaminhos, 2016.

OBRAS GERAIS

APULEIO. **UOL - biografias**. São Paulo. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/apuleio.htm>>. Acesso em: 11 de fev. 2022.

BENEDETTO CROCE. **UOL - biografias**. São Paulo. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/benedetto-croce.htm>>. Acesso em: 03 de mar. 2022.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. Brasília: Senado Federal, 2008, p. 74.

GARCIA, Márcia Aparecida. **José Geraldo Vieira (1897-1977) Fortuna Crítica**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, p. 263. 2003.

GERALDO Vieira: Território Humano. **Ensaio e Notas**. Stavanger. Disponível em: <<https://ensaiosnotas.com/2017/01/13/geraldo-vieira-o-territorio-humano/>>. Acesso em: 08 de fev. 2022.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOMERO. **Ilíada**. São Paulo: Editora Penguin, 2013.

JEAN-JACQUES WALTZ AKA HANSI. **Tourisme Colmar**. Disponível em: <https://www-tourisme--colmar-com.translate.google/en/visit/presentation/history/famous-people-from-colmar/177-jean-jacques-waltz-aka-hansi?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc>. Colmar. Acesso em: 19 de abr. 2022.

JOSÉ Geraldo Vieira. **Vide Editorial**, Campinas. Disponível em: <https://videeditorial.com.br/index.php?route=product/author&author_id=163>. Acesso em: 07 de fev. de 2022.

MARX; ENGELS. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Editora Boitempo, 2007.

RENÉ VIVIANI/POLÍTICO FRANCÊS. **Delphi pages**. Disponível em: <<https://delhipages.live/pt/politica-lei-e-governo/lideres-mundiais/primeiros-ministros/rene-viviani>>. Acesso em: 11 de abr. 2022.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **HERÓDOTO E SUAS HISTÓRIAS**. Revista de Teoria da História, Goiás, 7, número 13, p. 39-51, junho, 2015.